

CONTOS DA CHUVA E DA LUA, DE UEDA
AKINARI, REÚNE EM CINCO TOMOS NOVE
PEQUENAS NARRATIVAS DE CUNHO FANTÁSTICO.
CADA TOMO CONTÉM DUAS NARRATIVAS, E O
QUARTO É COMPOSTO DE UM ÚNICO CONTO, O
SÉTIMO DA SÉRIE, E O MAIS LONGO.

NESSES CONTOS, UEDA AKINARI FAZ REFERÊN-
CIA TANTO À LUA COMO UM CÍRCULO DE GELO
E SÍMBOLO DA SOLIDÃO A QUE O HOMEM ESTÁ
SUJEITO, QUANTO À CHUVA, QUE, COM A
MESMA CONSTITUIÇÃO MATERIAL DO GELO,
REPRESENTA A FACE DO HOMEM, MOLDADA PELO
KARMA. TAL QUAL A CHUVA, O HOMEM DE
AKINARI PASSA SUA VIDA A LABUTAR, AMENI-
ZANDO E RECRIANDO O SEU ESPAÇO.



CONTOS DA
CHUVA E
DA LUA

UEDA
AKINARI

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES
USP

CONTOS DA
CHUVA E DA LUA
(UGETSUMONOGATARI)

UEDA AKINARI

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: Flávio Fava de Moraes
Vice-reitor: Myriam Krasilchik

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretor: João Baptista Borges Pereira
Vice-diretor: Francis Henrik Aubert

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES
Diretora: Lídia Masumi Fukasawa
Vice-diretora: Geny Wakisaka

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES DA USP

| | | |
|---------|--|-----|
| 5º Tomo | <i>AOZUKIN – O Capelo Índigo</i> | 121 |
| | Elisa Mie Nishikito | |
| | <i>HINFUKURON – O Espírito do Dinheiro</i> | 133 |
| | Tae Suzuki | |

PREFÁCIO

Estamos lançando a nossa tradução da coletânea de contos japoneses *Ugetsumonogatari*, do escritor Ueda Akinari (1734-1809), cuja primeira edição vem datada de 1776. É o quarto trabalho realizado pela equipe de pesquisadores do Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo, que visa a divulgação da literatura japonesa no Brasil.

A publicação de mais esta obra contou com o apoio da Fundação Japão e a colaboração do Prof. Dr. Haquira Osakabe (Professor doutor do Departamento de Teoria Literária do Centro de Estudos de Linguagem da Unicamp), que gentilmente se prontificou a revisar nossos trabalhos.

O autor desta coletânea, Ueda Akinari, nasceu em Osaka, na zona do meretrício, sendo aos quatro anos de idade adotado por Ueda Mosuke e sua esposa, um abastado fabricante de papel oleado daquela cidade. Akinari logo após sua adoção contrai um tipo de varíola, em razão da qual, segundo consta, teve seu dedo médio da mão direita e o indicador da esquerda atrofiados. Tal fato é apontado como causa de seu temperamento introspectivo e irônico e também, já como escritor, pela escolha de seu pseudônimo *Senshi Kijin* (Excêntrico Aparador de Galhos), o qual parece fazer referências ao seu defeito físico.

Akinari viveu em um Japão dominado pelo regime feudal do xogunato dos Tokugawa (1603-1867), mas onde se processava uma atuação muito significativa da classe dos comerciantes, acarretando na formação dos grandes centros comerciais. Este período foi marcado por momentos de alternância de políticas de repressão impostas pelo regime, como tentativa de retomada do controle da nação através da hierarquização e imobilização do homem em suas devidas castas sociais. No entanto, a precariedade de uma política econômica alicerçada em uma agricultura praticamente falida faz com que o governo, em certos momentos, optasse a contragosto pelo mercantilismo, apoiando-se em parte nas atividades dos comerciantes.

A exemplo de Akinari, notou-se em sua época o surgimento de poetas-escritores, dentre os usufrutuários deste sistema econômico cidadão, possuidores de polimento intelectual, dotados de espírito crítico e com aptidões pelas artes em geral, e que começaram a se destacar através de suas produções, sendo chamados de *Bunjin*, nome dado na antiguidade chinesa aos seus poetas-escritores intelectuais.

É notável a diversidade de posturas dos *Bunjin* no decorrer da história da China, pois na era Rikuchō (220-589) atuavam alienados do contexto social, enquanto aqueles da dinastia Tang (618-907) foram integrados ao sistema político do funcionalismo público e mais tarde, já na dinastia Sō (960-1279), a classe dos *Bunjin* atuavam fora do sistema, mas sempre com a proteção do governo. E no Japão, estes atuavam na linha da era Rikuchō.

À época em que o autor Ueda Akinari viveu, o incremento do comércio com os países do continente possibilitava o acesso mais regularizado aos textos chineses ao consumidor japonês, inclusive às obras literárias, com a consequente necessidade de aprendizado da língua chinesa, que se processava através de leituras dos romances de entretenimentos, chamados de *bakuwa*. A influência destes romances na produção literária japonesa se evidencia principalmente nas obras dos *Bunjin* do Japão. Suas produções, no entanto, foram desconsideradas pelos líderes da época, por não estarem de acordo com o sistema moral ditado pela norma confucionista vigente no feudalismo japonês. A produção em

massa deste tipo de *bakuwa*, em língua japonesa, vem como resultado da procura desenfreada de leitura lúdica do povo de então, o que possibilitou, em parte, o crescimento dos escritores, artistas e inclusive dos cientistas desvinculados do jugo político.

Com o falecimento do pai, que lhe dera todo tipo de apoio e incentivo intelectual, e um incêndio que destruiu por completo os seus bens, Akinari, com base nos seus conhecimentos da língua, cultura e medicina chinesa, começa a atuar no ramo da medicina, exercendo com dedicação e seriedade sua nova profissão. Aos 59 anos, porém, abandona por completo este ramo e começa a se dedicar às pesquisas da língua e literatura japonesa, tornando-se discípulo de Katō Umaki, através do qual se alinhara às pesquisas de Kamono Mabuchi, considerado um dos expoentes dos estudos em questão. São célebres os calorosos debates entabulados entre Akinari e o renomado linguísta Motoori Norinaga que, dotado de espírito nacionalista, implantou uma pesquisa mais sistemática das obras clássicas japonesas.

Quanto à produção literária, Akinari publicou, dentro da linha das novelas de costumes, os ditos *Ukiyozōshi*, duas obras sem muitos destaques intituladas: *Shodō kikimimi senkenzaru* (novelas sobre escolas de artes) e *Seken tekake kaikatagi* (narrativas de amantes profissionais). Suas duas últimas obras, o *Ugetsumonogatari* (*Contos da Chuva e da Lua*) e o *Harusame monogatari* (*Contos da Chuva de Primavera*), acham-se enquadradas no tipo *yomihon* (contos moralistas), de acordo com a classificação da época e mantêm destaques dentro da história da literatura japonesa até hoje. Akinari deixa ainda vários textos em que faz críticas diretas e contundentes sobre obras e pessoas, reunidos sob o título *Tandai shōshinroku*.

Na coletânea *Contos da Chuva e da Lua*, Ueda Akinari reúne em cinco tomos nove pequenas narrativas de cunho fantástico, cada tomo contendo duas narrativas, sendo que seu quarto tomo é composto de um único conto, o sétimo da série, que é o mais longo por sinal. Akinari parece que dispôs os seus contos na forma de um *wenga*, poema encadeado, cuja composição conta com a participação de *n* pessoas. Cada pessoa acrescenta um verso e este verso acrescido

deve retomar um dado do seu antecedente, ampliando ao mesmo tempo o ambiente poético. O último verso deverá ser conectado ao primeiro, fechando-se o círculo da série.

Desta feita, o primeiro conto *Shiramine* relata o rancor de um político fracassado e as frustradas comunicações que são entabuladas entre seu espírito e um ser vivo. O segundo conto, *Kikukano Chigiri (Pacto do Crisântemo)*, retoma as comunicações entre os seres mortos e vivos, que se efetivam, ligados aos ideais de lealdade ao compromisso cumprido. O terceiro, *Asajiga Yado (Pousada das Sarças)*, a lealdade fica ao nível do amor matrimonial, dando destaque à figura da esposa, cuja imagem é sobreposta àquela da lendária personagem Mama-no Tegona, jovem que procurou a morte na lagoa. O quarto *Muôno Rigyô (As Carpas do Sonho)*, retoma o espaço da lagoa e nela diviniza o pintor das carpas e se este personagem é apresentado como um egresso do mundo das águas, no quinto, *Buppôsô*, é o retorno de um personagem ressentido do mundo dos demônios, sendo que aqui as carpas são substituídas pelo canto do pássaro. A retomada da idéia do rancor, que é personificada na mulher traída, é visto no sexto conto, *Kibitsuno Kama (Caldeirão de Kibitsu)*, dando enfoque aos riscos a que está sujeito o homem adúltero. No sétimo, *Jaseino In (A Volúpia da Serpente)*, é a figura da mulher acometida pela chama da libido e o seu conseqüente trágico final. E, se neste último conto o autor é implacável no enalço do instinto feminino, no oitavo, *Aozukin (O Capelo Índigo)*, valendo-se da figura de um monge diabólico transfigurado em um punhado de ossos, sob o capelo índigo, descreve o *karma* de uma relação homossexual que encontra a salvação através dos salmos de um zen-budista. A partir dos salmos, o nono conto, *Hinshukuron (O Espírito do Dinheiro)*, é um encômio à era das moedas, que se vislumbrará no futuro. O diálogo da matéria com o ser humano faz a previsão do futuro e se conecta ao primeiro conto, *Shiramine*, em que se notou a premonição de uma era histórica.

Os nove contos dispõem de dois interlocutores, que debatem a problemática existencial e seus valores num processo dialético, reconduzindo o homem aos seus deveres sociais. A certa altura, Akinari faz referência à lua, como um

círculo de gelo e símbolo da solidão, a que o homem está sujeito. De outro lado, a chuva, com a mesma constituição material do gelo, representa a face do homem, moldada pelo *karma*, e que, a exemplo da chuva, a figura do ser humano labutando, amenizando e recriando seu espaço. Polarizado entre a chuva e a lua, o homem de Akinari apresenta as suas nove facetas, enquanto homem social, lírico, intelectual, dentro do seu momento histórico.

O autor, impedido de publicar estes textos, abandonou-os em uma cisterna, de onde foram resgatados anos depois. Também por muito tempo o nome de seu autor ficou incógnito, pois a obra vinha apenas assinada com o pseudônimo de *Senshi Kijin*.

Geny Wakisaka

INTRODUÇÃO AO UGETSUMONOGATARI

UEDA AKINARI

Rashi¹ elaborou a obra Suiko² em razão do que, por três gerações³ seguidas seus filhos nasceram mudos; Murasaki Shikibu⁴ escreveu *Genjimonogatari*, em razão do que ainda hoje estaria pensando num mundo subterrâneo⁵, e estes fatos seriam decorrentes de seus *karmas*. Efetivamente, se

1. Refere-se ao escritor chinês Rakanchû, que vivera em meados do século XIV. É considerado autor das obras *Chûgi Suikoden*, *Sangokusbi Engi* e outras.
2. *Chûgi Suikoden* – célebre romance chinês em que atuam o personagem Sôkô e outros cento e oito heróis e valentes. No Japão, a edição com cem capítulos foi traduzida por Okajima Kanzan (1674-1728), sendo muito apreciada na Era Edo.
3. Goi Ranshû (1697-1762), escritor japonês e estudioso do Confucionismo da Era Edo, diz em sua obra *Meiwa*: “É corrente na praça que o escritor chinês Rakanchû organizou mais de dez romances e que, devido ao seu *Suikoden*, em que descreve em detalhes os adultérios, os roubos, as trapaças, os truques e as mil fraudes praticadas por seu personagem Sôkô, que ludibriou os sábios e os sentimentos humanos, por três gerações tivera descendentes mudos”.
4. Murasaki Shikibu: filha de Fujiwara Tametoki. Falecera por volta de 1014, com 41 ou 42 anos de idade. É autora do *Genjimonogatari*.
5. Espaço para o qual são destinados aqueles que praticaram o mal. A lenda de que a escritora Murasaki Shikibu foi parar no inferno consta nas narrativas *Hô-butusbû* e *Konjakumonogatari-shû*. *Nubatamanomaki*, escrito por Akinari, diz: “Como castigo por ter criado coisas sem fundamentos e inverídicas, é confinada num lugar tenebroso, pensando por longo tempo”.

analisados seus escritos, cada qual capta insólitas figuras, cujas vozes, ora sonoras, ora caladas, por eles autenticadas, deslizam entre altas e baixas energias, levando os leitores a uma comunhão de ressonâncias, como aqueles sons que chegam pelos ocos dos instrumentos de corda. E desta feita, fatos de milênios atrás se apresentam à nossa frente como se estivessem sendo relatados neste momento.

Tenho as minhas narrativas de devaneios, surgidas em tempo de paz, sem nenhum planejamento, que resultaram em estranhas obras como os malignos cantos de faisões em cerimoniais ou os embates sangrentos dos dragões⁶. Reflito sobre elas e as considero carentes e inconseqüentes. Aqueles que as cotejaram naturalmente não as levarão a sério. Assim, no meu caso, creio que não estou a pecar e, portanto, estarei isento de ser punido ao longo de gerações, de lábios leporinos ou narizes defeituosos.

Março, primavera do ano 5 da Era Meiwa⁷

A chuva parou, é noite de lua vaga. Organizo esta obra junto à janela e a entrego ao editor. Como título, optei por *Ugetsumonogatari*⁸ (*Contos da Chuva e da Lua*).

Registrado por Senshi Kijin⁹ 35 anos.
Rubricado Shikyô Kojin¹⁰ Yugi Sanmai¹¹.

6. O canto do faisão junto à taça dos cerimoniais é sinal de advertência vindo do céu e os embates dos dragões são indícios de carnificina.
7. Ano de 1768.
8. Dizem que o título da obra vem de um trecho da coletânea de contos fantásticos chineses *Sentôshimwa*, de autoria de Kuyû (1378), ou então da peça do teatro Nô *Ugetsu*, que tem como personagem principal o monge Saigyô.
9. Pseudônimo do autor Ueda Akinari. *Senshi* significa aparar os galhos e *Kijin*, deficiente físico. O escritor tinha falha nos dedos nas duas mãos.
10. Considera-se descendente de Shikyô, personagem que dizia coisas insólitas e cujo nome vem citado na coletânea de poemas chineses *Monzen* organizada por volta do ano 530.
11. Obras em que constam fatos verídicos e inverídicos.

SHIRAMINE*



* Nome da montanha junto à cidade de Aoume no município de Sakaide da província de Kagawa, onde se acha o mausoléu do imperador Sutoku.

Incensos de papoulas⁴³ até o amanhecer
Em pisos da noite curta.

Apresenta-o a Jôha, indagando, "O que achas?" Jôha comenta: "Com brilho, completaste". Entrega-o ao nobre e este disse: "Não destoa dos primeiros versos", e, satisfeito, nova rodada de taças ordena.

Repentinamente empalidecido, o conhecido Awajino Kami dissera: "Chegou a hora da carnagem⁴⁴. Os demônios⁴⁵ já se aproximam! Vamo-nos!" Num segundo, o grupo muda de feições, que de tez tinta em sangue, começa a se agitar: "Vamos nesta noite de novo azucrinar os Ishida e Masuda⁴⁶". Hidetsugu volta-se para Kimura e ordena: "Imprudently me expus a esses imbecis, leve-os conosco para o cenário da carnagem". Os velhos vassalos intercederam em uníssono: "Eles ainda têm uma vida a cumprir. Não deveis voltar às práticas perversas". A essas palavras, as imagens das pessoas se esmaeceram e pareciam se voltar para as nuvens.

Por um tempo, Muzen e o filho perderam os sentidos e pareciam mortos. Com o cair do orvalho, sob o céu do amanhecer, ressuscitam mas, ainda tomados pelo medo, em meio à parca claridade, proferindo incessantemente o nome do grande mestre fundador, só quando vislumbraram a figura do sol, desceram as pressas a montanha, retornando à capital, onde se submeteram a tratamentos médicos. Certo dia, Muzen, ao atravessar a ponte da Terceira Avenida lembrou-se dos Túmulos dos Atrozes⁴⁷, e seu olhar naturalmente contemplara esse templo e contara às pessoas da capital: "Era pleno dia e, no entanto, experimentei uma sensação horripilante". Registro aqui, na íntegra, o que fora dito.

(*Buppô*)

Tradução de Geny Wakisaka

43. Na seita Shingon, é costume a queima de papoulas durante a reza.

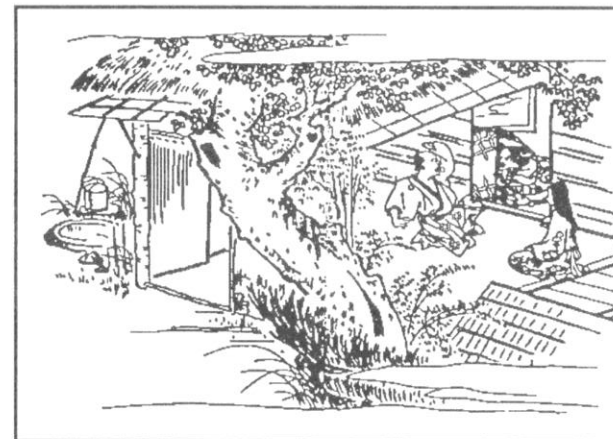
44. Momento de sofrimento em que se desenvolve uma luta eterna, da qual os pecadores não conseguem se libertar.

45. Forças diabólicas de combate, segundo crença budista.

46. Ishida Mitsunari e Masuda Nagamori foram vassalos de Toyotomi Hideyoshi. Pertencendo ao quadro de juizes de Hideyoshi, assinaram a sentença de morte de Hidetsugu e são considerados adversários de Hidetsugu no mundo da carnagem.

47. Túmulo de Hidetsugu e de mais trinta pessoas de seu relacionamento erguidos pelo monge Keijun, no templo Zuisenji, na Terceira Avenida de Kyôto.

O CALDEIRÃO DE KIBITSU*



* Refere-se ao "Ritual do Caldeirão" ou ao caldeirão do Santuário de Kibitsu, localizado na província de Okayama. O santuário é famoso pelo seu "Ritual do Caldeirão", que consiste em ferver água num caldeirão e, se ele soltar um som semelhante ao mugir do boi, é sinal de boa sorte. O título representa o cruel destino de um casal que se uniu, contrariando as previsões negativas.

"LIDAR com mulher ciumenta é difícil, mas, na velhice, fica-se conhecendo os seus méritos." Ah, quem teria dito tais palavras? Mesmo as pequenas conseqüências do ciúme prejudicam os negócios e causam destruição, tornando inevitáveis as maledicências da vizinhança, em se tratando de conseqüências graves, então, famílias sucumbem, países desaparecem, tornando-se alvo de zombaria por longo tempo. Desde os tempos remotos, são incontáveis as pessoas vitimadas por esse veneno. Quanto àquela espécie de mulheres que, após a morte, transformam-se em serpentes gigantes ou se vingam sob a forma de estrondoso trovão, mesmo que tivessem sua carne curtida em sal, o castigo não seria suficiente. No entanto, casos desse tipo são raros. Se o marido disciplinasse as próprias ações e orientasse a esposa, essa desgraça poderia ser naturalmente evitada, mas uma fútil infidelidade faz despertar na mulher o seu caráter desvirtuoso, atraindo, para si própria, a infelicidade. Estão certos, quando dizem: "O que domina o pássaro é o poder controlador do homem. O que controla a mulher é a virilidade do marido".

No vilarejo de Niise, distrito de Kaya, na província de Kibitsu¹ havia um homem chamado Izawa Shôdayû. Seu avô

1. Parte da atual província de Okayama.

servira ao clã Akamatsu², da província de Harima³, mas na Revolta de Kakitsu⁴, ele abandonara aquela mansão, dirigindo-se para cá, e as três gerações, até chegar em Shōdayū, cultivavam a terra na primavera para colher no outono, vivendo abundantemente. Shōtarō, o filho único, repudiava os trabalhos agrícolas e não cumpria as regras paternas, entregando-se à bebida e à luxúria. Seus pais, lamentando tal comportamento, planejaram secretamente: “Ele deve sossegar naturalmente, se tiver uma bela esposa, de boa família”. Assim, buscaram por todos os lugares e, por sorte, encontraram um intermediário⁵ que lhes disse: “A filha de Kasada Miki, sacerdote-mor do santuário de Kibitsu, é bela e requintada, filha dedicada, versada em poesia e exímia instrumentista de *koto*⁶. Originalmente, aquela família descende de Kibi Kamowake-no-Mikoto⁷, sendo, portanto, de linhagem genuína, e o fato de criar laços com a vossa família é sinal de prosperidade. A concretização dessa união é o desejo desse ancião. O que me dizeis?”

Muito feliz, respondeu Shōdayū: “Sinto-me lisonjeado com tais palavras. Para a nossa família, isso seria como perpetuar a nossa prosperidade, mas os Kasada pertencem à nobreza dessa província, e nós não passamos de humildes agricultores. Seremos, provavelmente, recusados, por não nos adequamos à sua condição social”.

Ao que prosseguiu o ancião intermediário, com um sorriso: “Vós sois por demais modesto. Eu farei com que os cantos nupciais sejam entoados”, e levou a proposta a Ka-

2. Clã provincial de Harima que teve grande destaque, durante o período de revoltas da Idade Média japonesa (1192-1333). O clã descende do príncipe Tomohira (964-1029), filho do imperador Murakami (926-966), conhecido pela sua competente gestão.

3. Parte sudoeste da atual província de Hyogo.

4. Refere-se à revolta ocorrida em 1441 (ano 1 da Era Kakitsu), quando Akamatsu Mitsusuke, depois de assassinar o xogun Ashikaga Yoshinori, é sitiado pelas tropas confederadas dos Hosokawa e dos Yamana e acaba suicidando-se.

5. Refere-se, neste caso, àquele que intermedia casamentos.

6. Instrumento de corda que é executado apoiado horizontalmente no chão. É conhecido como harpa japonesa.

7. Filho de Kibitsu Hiko-no-Mikoto, um dos Quatro Gerais (*Shidō Sbōgun*) enviados pelo imperador Sujin (10^o imperador) para os quatro cantos do país, ampliando os domínios do Estado de Yamato (antigo nome do Japão).

sada que, muito feliz, transmitiu à esposa. Ela, igualmente entusiasmada, disse: “Nossa filha já está com dezessete anos e eu estava aflita, pensando se não haveria uma boa pessoa para desposá-la. Marquemos, imediatamente, um dia propício para a troca de presentes”⁸. Estimulado por tais palavras incentivadoras, o noivado foi imediatamente acertado e colocado aos Izawa. Logo, ricos presentes foram providenciados e trocados e, marcada uma data propícia, iniciaram-se os preparativos para o matrimônio.

Ademais, para orar às divindades, pedindo suas graças, a xamã⁹ e os sacerdotes foram reunidos para a realização do ritual denominado *yutate*¹⁰. De modo geral, as pessoas que oravam naquele santuário traziam diversas oferendas de purificação e viam a sua sorte através do ritual *yutate*. Terminada a oração da xamã e iniciada a ebulição da água, era sinal de bom agouro, se o caldeirão emitisse um som semelhante ao mugir do boi. O silêncio era sinal de mau agouro. Isso é conhecido como o “Ritual do Caldeirão de Kibitsu”. No entanto, no ritual dos Kasada, talvez pela não receptividade das divindades, não se ouviu qualquer som, nem mesmo que lembrasse o chirriar do inseto de outono. Desconfiado, ele foi discutir tal sorte com a esposa. Sem demonstrar qualquer dúvida, disse a esposa: “O caldeirão não emitiu som porque, provavelmente, os sacerdotes não se purificaram devidamente. Conforme um antigo ditado chinês, assumido o compromisso matrimonial, não se pode quebrá-lo, seja com uma família adversária, seja com uma família de região diversa. Em se tratando particularmente dos Izawa, conta-se que são descendentes de guerreiros *bushi* e de rígidos princípios, o que significa que não admitiriam tal afronta. Além disso, a nossa filha está contando os dias que faltam para o enlace, desde que soube tratar-se de um belo jovem, e se esse fato negativo lhe chegasse aos ouvidos, poderia

8. A troca de presentes entre as famílias dos noivos, para selar a cerimônia de noivado, é um costume matrimonial tradicional.

9. Denominadas *miko* em japonês, são sacerdotisas que participam das cerimônias e bailados dos santuários, possuem poderes mediúnicos, podendo comunicar-se com as divindades e os espíritos dos mortos.

10. Ritual hidromântico em que os sacerdotes giram em torno de um caldeirão com água fervente, que é jogada sobre os fiéis com folhas de bambu.

cometer alguma imprudência. Seria, então, muito tarde para arrependermo-nos”.

Trata-se de uma exortação que reflete, deveras, a preocupação típica de uma mulher. Por estar, desde o início, de acordo com o enlace, Kasada também não questionou mais e, concordando com as palavras da esposa, a cerimônia foi realizada, reunindo-se os parentes das duas famílias, e celebrada animadamente para tornar-se uma união tão duradoura quanto a longevidade do grou e da tartaruga¹¹.

Isora, a filha dos Kasada, desde a sua chegada à casa dos Izawa, levantava-se cedo, recolhia-se tarde, estava sempre junto aos sogros, e, levando em consideração o temperamento do marido, mostrava-se totalmente dedicada, razão pela qual os Izawa não se continham de alegria, admirando sua devoção filial e fidelidade. Shōtarō também, correspondendo a essa dedicação, mostrava-se um marido afetuoso. A sua licenciosidade inata era, porém, incontrolável. Não se sabe quando, tornou-se íntimo de uma cortesã de Tomonotsu¹², chamada Sode, acabou resgatando-a do bordel e, construindo uma nova casa, numa aldeia próxima, passava os dias ali, sem retomar para casa. Isora, aborrecida com isso, ora aconselhava-o, servindo-se da zanga dos sogros como pretexto, ora queixava-se da sua infidelidade, mas Shōtarō fazia-se de desentendido, a olhar a imensidão do céu e, posteriormente, chegava a passar longos meses fora de casa. O pai, não suportando assistir os esforços infrutíferos de Isora, repreendeu Shōtarō e deixou-o confinado. Isora, sentida com isso, servia-o com dedicação, cuidando para que nada lhe faltasse, enviando, inclusive, às escondidas, auxílio à Sode, dando mostras de sincero empenho.

Certo dia, na ausência do pai, Shōtarō disse a Isora: “Diante de tua sincera fidelidade, só posso me arrepender das minhas faltas. Depois de mandar de volta aquela mulher para a sua terra natal, tentarei aplacar a ira do meu pai. Ela é de Inamino¹³, em Harima e fiquei deveras condoído, com

11. O grou e a tartaruga simbolizam, no Japão, a longevidade. Diz-se que o grou vive mil anos e a tartaruga dez mil anos.

12. Cidade portuária localizada na cidade de Fukuyama, na província de Hiroshima.

13. Planície de Inami, na província de Hyogo.

a sua triste condição de órfã. Se eu a abandonar, voltará, outra vez, a se tornar uma mulher da vida de alguma cidade portuária. Mesmo em condições de trabalho igualmente pesadas, ouvi dizer que, na Capital, existe maior solidariedade humana, razão pela qual penso em enviá-la para lá, a fim de servir alguém de boa condição social. Devido a minha atual situação, ela deve estar passando por uma série de necessidades. Quem arcaria com as despesas de viagem e lhe compraria roupas? Gostaria que providenciasses isso e a ajudasses”.

Um pedido tão cortês deixou Isora muito feliz que, dizendo: “Não vos preocupeis com isso”, desfez-se de algumas das suas roupas e mobílias, pediu, ainda, dinheiro à sua mãe, alegando uma falsa justificativa e entregou-o a Shōtarō. De posse desse dinheiro, ele fugiu sorrateiramente de casa, e dirigiu-se para a Capital juntamente com Sode. Enganada dessa forma tão vil, Isora lamuriava-se, totalmente tomada pelo rancor e acabou adoecendo gravemente. Tanto os Izawa quanto os Kasada amaldiçoaram Shōtarō e compadeceram-se de Isora, buscaram desesperadamente a sua cura, através de cuidados médicos, mas, a cada dia, ela tornava-se mais fraca, a ponto de não conseguir se alimentar, dando mostras de que não resistiria.

Na vila de Arai, do distrito de Inamino, na província de Harima, havia um homem chamado Hikoroku. Ele era um parente próximo, primo de Sode, razão pela qual procuraram-no, inicialmente, a fim de descansarem por algum tempo. Hikoroku propôs a Shōtarō: “Não se pode esperar a ajuda das pessoas, só pelo fato de estarem na Capital. Fica aqui. Vamos dividir a comida e traçar juntos um plano para a vida futura”. Decidiram, então, morar aí, tranquilizados por essas palavras encorajadoras. Hikoroku alugou-lhes a velha casa vizinha, e mostrava-se feliz por ter arranjado um amigo. Entretanto, Sode, que dizia estar sentindo sintomas de gripe, foi piorando, como se estivesse possuída por maus espíritos. Como essa desgraça se abatera, passados pouquíssimos dias desde a chegada, Shōtarō caiu em tristeza, cuidou de Sode com todo o zelo, esquecendo-se até de se alimentar, mas ela só fazia-se chorar, padecendo de sofrimento, e passada a crise, voltava ao seu estado normal.

Tratava-se da aparição do espírito de uma pessoa viva¹⁴. Shôtârô angustiava-se sozinho, pensando na possibilidade de ser o espírito daquela que ele abandonara na terra natal. Era confortador o fato de Hikoroku encorajá-lo como se não fosse nada grave, dizendo: “Imagine uma coisa dessas! Já testemunhei muito o sofrimento das doenças endêmicas. É só a febre ceder um pouco que a pessoa volta ao normal como por um encanto”. No entanto, Sode não apresentava qualquer sinal de melhora, e, depois de sete dias, acabou falecendo num piscar de olhos. Shôtârô chorava de tristeza, lançando o olhar para o céu, debatendo-se no chão e, como que enlouquecido, dizia querer morrer também. Hikoroku consolava-o, valendo-se de vários argumentos e, dizendo: “Não podeis deixá-la assim”, cremou-a. Recolheu os ossos, construiu o túmulo, fincou a tabuleta tumular¹⁵ e, chamando um monge budista, rezou para que a sua alma alcançasse a paz.

Shôtârô, cabisbaixo, agora só tinha o pensamento voltado para o mundo dos mortos, mas por não possuir meios de chamar a sua amada de volta, lançava o seu olhar para o céu, lembrando a sua terra natal que lhe parecia ainda mais distante que o mundo subterrâneo dos mortos. Sem poder avançar nem retroceder, passava o dia todo prostrado e, à tarde, dirigia-se ao túmulo, que já se encontrava tomado pelas ervas daninhas e onde o trilar dos insetos soava inexplicavelmente triste. Pensava ele ser o único a sofrer com essa melancolia outonal, quando percebeu um túmulo recente ao lado, dando mostras de que mais alguém sofria como ele, nesse mundo que lhe parecia tão distante como as nuvens do céu. Percebendo a jovem que visitava o túmulo e, tomada pela tristeza, ofertava flores e derramava água sobre o túmulo, Shôtârô dirigiu-se a ela: “Pobrezinha! Tão jovem e perdida nesse lugarejo esquecido”. A jovem, voltando-se para Shôtârô, respondeu, aos prantos: “Visito o tú-

14. Na literatura clássica, as doenças inexplicáveis eram atribuídas à presença do espírito de pessoas mortas ou ainda de pessoas vivas (*ikiryô*) atormentadas por algum tipo de sofrimento, principalmente o ciúme.

15. Refere-se a *stupa*, uma tabuleta de madeira, fincada nos túmulos budistas para que a alma dos mortos alcançasse a paz.

mulo todas as tardes e, quando chego, já vos encontro aqui. Deveis ter perdido alguém muito querido. Entristece-me ao imaginar a vossa dor”. Shôtârô, por sua vez, confirmou: “Estais certa. Há cerca de dez dias perdi a minha querida esposa e, sozinho, sem qualquer alento, vir aqui tornou-se meu único consolo. Deveis estar também na mesma situação”. Ao que explicou a jovem: “Este é o túmulo do meu digníssimo amo que foi enterrado certo dia. A sua esposa, que restou em casa, ficou extremamente abatida, e nesses últimos tempos, foi acometida de grave doença, razão pela qual venho, em seu lugar, ofertar incenso e flores”. Ao que continuou Shôtârô: “Não é sem razão que a digníssima dama tenha adoecido. Quem era o falecido e onde residia?” Respondeu a jovem: “O digníssimo amo era de uma respeitável família dessa província, mas vítima de intrigas, perdeu seus domínios e, agora, vivia solitariamente num local retirado dessa região. A fomesura da senhora era conhecida nas províncias vizinhas, e por causa dela o meu amo acabou perdendo a casa e os domínios”.

Sem nem mesmo perceber o seu próprio envolvimento na história, disse Shôtârô: “O local onde essa dama mora solitariamente fica próximo daqui, então? Gostaria de visitá-la e dividir as nossas dores. Levai-me até lá”. “A casa fica num atalho, próximo ao caminho que vós sempre vindes. Como vive desamparada, visitai-a, de vez em quando. Deve estar, deveras, ansiando pela minha volta”. Assim dizendo, a jovem seguiu à frente de Shôtârô.

A uns duzentos metros, havia um pequeno atalho. Daí, caminhando cerca de cem metros, havia um casebre de sapé, no interior de uma mata penumbrosa. A rústica porta feita de bambu entrelaçado tinha um aspecto melancólico, e os raios da lua crescente iluminavam a desolação do pequeno jardim. Via-se a tênue luz do interior da casa, através da porta corrediça, o que dava um ar melancólico. “Por favor, esperai um pouco aqui”. Assim dizendo, a jovem dirigiu-se para o interior do casebre. Espiando o interior, postado junto a um velho poço tomado pelo musgo, entreviu, por uma fresta da porta-divisória, uma estante de laca negra que brilhava, conforme o tremular da luz pelo vento, o que criava também um ambiente atraente. A jovem retomou, dizendo:

“Quando comuniquei a vossa visita, a senhora me disse: ‘Fazei-o entrar. Vou conversar, mantendo-me por trás do biombo’, e deslocou-se ajoelhada para um local mais próximo ao exterior da casa. Dirigi-vos, por favor, para lá”, e conduziu-o para os fundos, contornando as plantas do jardim. A porta do aposento de visitas estava aberta o suficiente para a entrada de uma pessoa e, no interior, havia um pequeno biombo. Avistava-se a extremidade de um roto acolchoado, indicando que a dona da casa estaria ali. Shôtârô para aí se dirigiu, dizendo: “Fiquei sabendo da vossa enfermidade, causada pela tristeza. Eu também acabo de perder a minha querida esposa, razão pela qual vim visitar-vos, mesmo ciente da minha insolência, para consolarmos-nos mutuamente”. A dona da casa, afastando um pouco o biombo, disse: “Mas há quanto tempo não vos vejo. Quero que conheçais o peso de uma terrível vingança”. Surpreso, viu, diante de si, Isora que ele abandonara na terra natal. Estava extremamente pálida, com um olhar lânguido, porém assustador, o dedo apontado para ele era pálido e magro. Shôtârô, apavorado, soltou um grito e perdeu os sentidos.

Recobrou os sentidos, pouco tempo depois. Entreabriu os olhos e viu que o que pensara ser casa era um pequeno santuário de um campo ermo, onde havia somente um enegrecido Buda em pé. Guiando-se pelo latido de um cão vindo da distante vila, voltou correndo para casa e relatou cada passo do ocorrido a Hikoroku, que colocou a seguinte explicação: “Fostes provavelmente ludibriado pela raposa. O espírito *mayowashigami*¹⁶ sempre ataca as mentes enfraquecidas. Pessoas frágeis como vós, que estais mergulhado em tristeza, devem orar a Buda e às divindades e buscar paz de espírito. Na vila de Toda existe um respeitador vaticinador. Ide purificar-se e receber um amuleto de proteção”.

Assim dizendo, levou Shôtârô até o vaticinador, explicou em detalhes o acontecido desde o início, e pediu que realizasse o vaticínio. Após o que, profetizou o vaticinador: “A desgraça já é iminente, não é fácil evitá-la. Acabou primeiro com a vida da mulher, mas o ódio não foi aplacado.

16. Segundo a crença popular, refere-se a espíritos ludibriosos como a raposa e certas divindades regionais que costumam enganar os seres humanos.

Vossa vida encontra-se por um fio também. Essa alma perdida deixou o mundo há sete dias, por isso, durante quarenta e dois dias¹⁷, deveis cerrar a porta e realizar uma rigorosa reclusão domiciliar. Se seguides meus preceitos talvez consigais salvar sua vida já praticamente tomada. Se errardes um segundo que seja, não saireis com vida”.

Fez, assim, rigorosa recomendação e, tomando do pincel, escreveu ideogramas em estilo semelhante ao da China Antiga no corpo de Shôtârô, desde as costas até a extremidade de seus membros. Entregou-lhe, ainda, vários amuletos de papel, onde escreveu palavras mágicas com cinabre, dizendo-lhe: “Afixai esses amuletos em todas as entradas e pensai em Buda e nas divindades. Cuidai-vos para não perder a vida, cometendo qualquer erro”. Shôtârô horrorizado, por um lado, com a revelação e, por outro lado, agradecido, retornou para casa, afixou o amuleto no portão, nas janelas e iniciou uma rigorosa reclusão domiciliar.

Nessa noite, ouviu, na entrada da madrugada, uma terrível voz: “Oh, que ódio! Colastes aqui um amuleto sagrado!” Murmurando assim, calou-se. Vencido pelo medo, Shôtârô, lamentou a longa noite outonal. Com o amanhecer, que chegou a seguir, Shôtârô sentiu-se reviver e, imediatamente, bateu na parede que dava para a casa de Hikoroku e relatou o ocorrido da noite anterior. Pela primeira vez, Hikoroku deu crédito às palavras do vaticinador e, nessa noite, ele também esperou a chegada da madrugada acordado. Era uma noite incomum em que o vento que balançava os pinheiros parecia derrubar o que encontrava pela frente, e chovia, além disso, mas ficaram se encorajando, conversando através da parede, até alta madrugada. Na janela da velha casa, refletiu uma luz avermelhada e ouviu-se uma voz que dizia: “Oh, que maldição, aqui também há um amuleto colado!” Era uma voz que, dentro da madrugada, soava assustadora e arrepiava os cabelos e todos os pêlos, deixando ambos desacordados, por algum tempo. Ao amanhecer, relatava o ocorrido da noite anterior, ao entardecer, ansiava

17. Segundo a crença budista, o espírito do morto permanece errante no mundo terrestre durante quarenta e nove dias, após a morte, antes de passar para um estágio mais elevado.

pelo amanhecer, essas dezenas de dias pareciam mais longos do que mil anos. Aquela alma perdida também surgia todas as noites e, ora rodeava a casa, ora soltava gritos na cumeeira, e o seu grito de ódio tornava-se cada vez mais intenso com o passar das noites. Assim, chegou-se à noite do quadragésimo segundo dia.

Agora só restava uma noite, razão pela qual foram tomadas especiais cautelas, quando o céu começou a clarear lentamente. Como que desperto de um longo pesadelo, chamou logo por Hikoroku que, aproximando-se da parede, respondeu: “Como estais?” “A rigorosa reclusão enfim terminou. Há muito tempo que não vos vejo. Além da saudade, quero desabafar todo o sofrimento, o horror que passei durante esses dias. Acordai. Vou sair também”, disse Shōtarō. Hikoroku era também um homem imprudente e, dizendo: “O que pode acontecer agora? Vamos, vinde para cá!”, mal abriu metade da porta, quando ouviu um grito penetrante, “Oh!”, que o fez cair sentado no chão. Certo de que algo acontecera a Shōtarō, saiu para a avenida empunhando um machado, quando percebeu que ainda não amanhecera. Via-se uma lua enevoada no céu e soprava um vento gelado, sendo que a porta da casa de Shōtarō tinha sido largada aberta, mas não se via ninguém. Correu para dentro a fim de ver se ele lá se refugiara, mas não o encontrou, e como se tratava de uma casa modesta em que não havia onde se esconder, dirigiu-se para a avenida, na esperança de o encontrar caído por lá, mas em vão. Pensando no que teria acontecido, Hikoroku sentiu um misto de mistério e medo, e munido de uma tocha, procurou pelos arredores, quando descobriu, ao lado da porta aberta, uma parede manchada de sangue que escorria pelo chão. Não se via, no entanto, nem o cadáver, nem os ossos. Sob a luz do luar, conseguiu entrever algo na extremidade do alpendre. Ao iluminá-lo com a tocha, encontrou somente o cacho do cabelo¹⁸ de um homem. Fato espantoso, cujo horror torna-se impossível descrever através de palavras. Ao amanhecer, procurou-se

18. Os homens da época amarravam o cabelo tal qual um rabo-de-cavalo, denominado *motodori*, que era penteado com um tipo de fixador e preso no alto da cabeça.

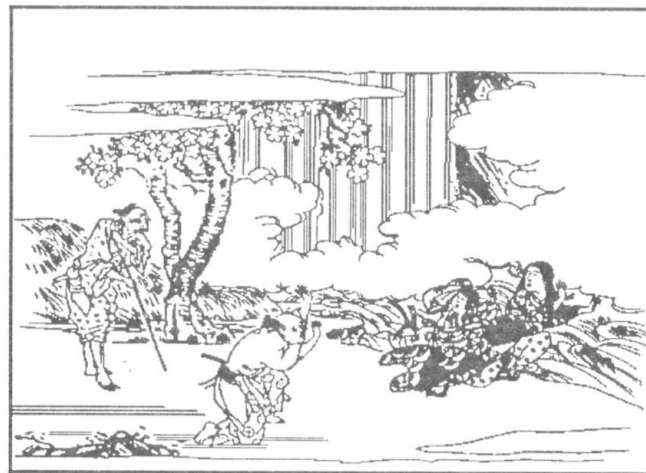
pelos campos e montanhas dos arredores, mas nenhum vestígio pôde ser encontrado. O fato foi comunicado à família Izawa que, aos prantos, comunicou à família Kasada.

Conta-se que a fama do vaticinador e do “Ritual do Caldeirão”, que realizaram uma previsão certa, correu o mundo de boca em boca.

(*Kibitsu no kama*)

Tradução de Luiza Nana Yoshida

A VOLÚPIA DA SERPENTE



NÃO saberia precisar quando mas, há muito tempo, vivia em Miwagasaki, na província de Ki, um homem chamado Ooya-no Takesuke. Favorecido pelos proventos do mar, ele mantinha uma equipe de pescadores que apanhavam as mais variadas espécies de peixes e sua família levava uma vida de fausto. Tinha dois filhos e uma filha. Tarô, o primogênito, era um homem simples que seguia a profissão da família. Vinha em seguida a filha, casada com um homem da região de Yamato. O último se chamava Toyoo. Esbelto e de personalidade serena, não era muito voltado para os negócios e cultivava apenas gostos refinados. Apreensivo com o fato, o pai pensava: "Mesmo que lhe dê sua parte da herança, provavelmente será ludibriado e roubado. Por outro lado, mesmo que seja adotado por outra família¹, minhas preocupações não terão fim pois é quase certo que surgirão problemas. O jeito é deixá-lo fazer o que quiser, para se tornar um erudito ou um monge, se for o caso, e viver às custas de Tarô enquanto viver". E não impôs nenhuma formação

1. Segundo práticas antigas, o nome da família é perpetuado pela linhagem do filho primogênito. Na falta deste, a sucessão é assegurada pela adoção de uma criança ou de um genro que assume o nome da família.

a este filho, que freqüentava o templo xintoísta Shingu do monge Abe-no Yumimaro, a quem ele respeitava como mestre.

Num certo dia do fim do nono mês, o mar se mantinha calmo e sereno quando, de repente, surgiram nuvens a sudeste e começou a chover. Toyoo tomou emprestado um guarda-chuva na casa do mestre e seguiu o caminho de casa até o local de onde podia se avistar o templo Asuka, quando a chuva apertou e ele buscou abrigo na choupana de um pescador. Dos fundos, surgiu um velho que, ao reconhecê-lo, disse: “Ora veja, é o filho mais novo do senhor que nos dá a honra da visita. Sinto-me constrangido em vos receber numa casa tão modesta. Sentai-vos sobre esta esteira”, espantando com as mãos a esteira circular de palha trançada. “Por favor, não te incomodes, só quero aguardar a chuva amainar”, respondeu Toyoo, ajeitando-se para descansar.

“Por favor, dai-me abrigo sob este teto por uns instantes”, disse uma voz suave do lado de fora, já entrando porta adentro. Ao se voltar surpreso, Toyoo deparou com uma jovem que aparentava ter menos de vinte anos, com feições, corpo e cabelos muito sensuais, vestida em quimono *tôyama-zurû*², acompanhada por uma criada bem vestida de cerca de catorze ou quinze anos portando um embrulho nos braços. A jovem estava totalmente encharcada e seu jeito elegante de enrubescer, envergonhada ao notá-lo, fez palpitar o coração de Toyoo. “É estranho que nunca tenha ouvido falar da existência de uma jovem assim tão bela nas redondezas; provavelmente se trata de uma jovem da capital que, aproveitando a visita aos três montes sagrados³, veio apreciar o mar. No entanto, que descuido em não se fazer acompanhar ao menos por um criado homem”, pensou Toyoo consigo próprio, enquanto afastava um pouco o corpo, dizendo: “Entraí, por favor. A chuva deve parar em instantes”.

“Se me permitis, aceito a gentileza”, respondeu ela. Era uma choupana minúscula, de modo que tiveram que se aco-

2. Quimono tingido em índigo, com motivos de montanhas em cadeia. Muito citado em obras clássicas, tratava-se de uma rica vestimenta das mulheres da corte Heian.

3. Referência aos montes Kumano, Nachi e Shingu, sede de três templos xintoístas da região.

modar um ao lado do outro. Vendo-a de tão perto, era de uma beleza tão extraordinária que mais parecia um ser do outro mundo. Sentindo-se elevar aos céus, Toyoo se voltou para a jovem e disse: “Vejo que sois uma jovem de boa linhagem. Viestes visitar os montes sagrados? Ou foi para repousar nas termas de Mine? Como viestes parar nesta praia tão deserta, que nenhum atrativo apresenta em especial? Já cantavam os antigos⁴,

Que chuva mais inconveniente
Sem um local para abrigo nessas paragens de Sano,
Iem Miwagasaki

e esse poema retrata bem a circunstância atual. Esta é uma choupana pobre mas pertence a um dos homens de meu pai, faizei uso dela sem vos preocupardes. No entanto, onde estais hospedada? Se não vos acompanho é por receio de ser descortês, levai portanto este guarda-chuva”. Ao que respondeu a jovem: “Muito me confortam vossas palavras, eu poderia até secar minhas vestes com o calor de vossa atenção. Não sou da capital, vivo há alguns anos nessas proximidades e hoje fui ao monte Nachi por ser um dia benfazejo⁵. Mas fui surpreendida por essa forte chuva e acabei impulsivamente buscando abrigo nesta casa, sem saber que aqui vos encontráreis. Como moro não muito longe daqui, retirar-me-ei tão logo a chuva amaine”. Toyoo insistiu: “Por favor, levai o guarda-chuva, podeis mo devolver em uma outra oportunidade. Não me parece que a chuva vá amainar tão cedo. Se me derdes o endereço, posso enviar alguém para buscá-lo”.

“Perguntai pela casa de Agata-no Manago, nas proximidades de Shingu. Preciso me retirar pois o dia começa a escurecer, mas parto confortada por vossa gentileza”, disse ela antes de se retirar com o guarda-chuva, acompanhada pelo olhar de Toyoo. Este pediu a capa de palha de arroz emprestada ao pescador e voltou para casa, mas a bela jovem daquela tarde não lhe saía do pensamento. Após uma

4. Poema de autoria de Naga-no Iki Okumaro, coletado no vol. 3 de *Man'yōshū*.

5. Kichijitsu – essa montanha faz parte de um conjunto de três montanhas, denominado Kumano, onde fica o santuário de Nachi.

longa noite de insônia, no efêmero sonho que teve ao amanhecer, ele chegou à casa de Manago, de construção e portão majestosos, onde ela vivia distinta e modestamente atrás das portas de madeira⁶ e das cortinas de bambu⁷ cerradas. Manago apareceu para recebê-lo. “Aguardava-vos ansiosamente, sem poder me esquecer de vossa atenção. Por favor, acompanhai-me”, disse ela fazendo-o entrar, para lhe servir uma mesa farta de bebida e de comida. Ligeiramente embriagados, eles compartilhavam o leito quando Toyoo despertou com a chegada do amanhecer. “Ah, se tudo fosse realidade e não apenas um sonho!”, pensou ele e saiu de casa com o espírito inquieto, sem nem mesmo tomar a refeição da manhã.

Chegando a Shingu, perguntou pela casa de Agata-no Manago mas não havia ninguém que a conhecesse. Continuou procurando até depois do meio-dia quando viu a jovem criada se aproximar pela direção leste. Contente por tê-la encontrado, Toyoo dirigiu-lhe a palavra: “Onde fica a casa de tua ama? Vim buscar o guarda-chuva”. “Alegro-me que tenhais vindo. Segui-me, por favor”, disse ela sorrindo, tomando a dianteira para lhe indicar o caminho. “É aqui”, disse ela pouco depois, apontando para uma casa de portão alto e construção soberba. Surpreso por ser exatamente igual à que vira em sonho, com suas portas fechadas e a cortina de bambu abaixada, Toyoo atravessou o portão. A menina entrou correndo a anunciar: “Trouxe aquele senhor do guarda-chuva”. “Onde ele está? Receba-o aqui”, respondeu uma mulher a se levantar e quem apareceu foi Manago.

“O senhor Abe, que mora aqui perto, é meu mestre há alguns anos. Tomei a liberdade de aproveitar, já que ia à sua casa, para passar aqui e pegar o guarda-chuva. Agora que já sei onde morais, voltarei outro dia com mais vagar”,

6. *Shitomi*, uma espécie de porta de madeira colocada atrás das esquadrias de madeira das janelas; símbolo de casa abastada.

7. *Sudare*, uma espécie de cortina de bambu trançado, muito usado para vedar ambientes. Na antiguidade, era etiqueta as mulheres de alta linhagem não se exporem aos homens e mesmo as conversas eram entabuladas com as mulheres dispostas atrás desses *sudare*, através do qual se podia vislumbrar suas silhuetas, propiciando à literatura farto material para a descrição de jogos amorosos em que o *sudare* desempenha papel de destaque.

disse Toyoo, no que foi impedido por Manago. “Maroya, não o deixes partir”, disse ela e a criada se interpôs à sua frente dizendo: “Vós fizestes o favor de nos emprestar o guarda-chuva. Não vos deixarei partir antes que vos agradeçamos por isso”, e o empurrou até o aposento nobre da casa.

Sobre o chão de madeira estava disposto um tatami alto⁸. Com seus acessórios como o biombo de pano⁹, os enfeites do armário¹⁰, as gravuras expostas nas divisórias de pano¹¹, todos antigos e de boa qualidade, não era uma mansão de gente comum. “Não podemos vos oferecer grande banquete pois esta casa, por suas razões, perdeu seu amo. Gostaria, no entanto, que aceitásseis uma modesta taça de saquê”, disse Manago se levantando para trazer iguarias do mar e da terra em pratos sem par, e Maroya se pôs a servir saquê em garrafas e taças de cerâmica. Toyoo achou que ainda estivesse sonhando e que iria, novamente, despertar, surpreendendo-se ao constatar que desta vez era tudo realidade. Quando visita e anfitriã começavam a se embriagar, Manago ergueu a taça de saquê e se voltou para Toyoo com um belo sorriso pousado em seu rosto que mais parecia uma diáfana cerejeira refletida nas águas, para lhe dizer com uma voz límpida como a de um rouxinol a cantar por entre os galhos: “Sinto-me encabulada com o que vou vos dizer mas, se acabar adoecendo por não fazê-lo, será como diz um poema antigo ‘imputar a culpa a um deus’ ”¹². Não tomeis minhas palavras como fruto de uma paixão leviana. Nasci na capital mas cedo perdi meus pais, sendo criada por uma ama até me casar com Agata de Tal, a quem acompanhei

8. Antigamente, o chão das casas era de madeira onde se colocavam almofadas circulares de palha ou esteiras para receber as visitas. O tatami só era utilizado em casas abastadas.

9. *Kichô*, espécie de biombo de pano, fixo pela parte superior em duas colunas de madeira e que podia ser abaixado para separar ambientes.

10. *Mizusubi*, originariamente um armário para guardar relíquias búdicas, passou a ser a denominação de um armário baixo com estantes, normalmente laqueado.

11. *Kabeshiro*, panos de seda utilizados como divisória de ambientes, comumente ornados com bordados ou gravuras.

12. Referência ao poema do cap. 89 de *Contos de Ise*, que diz: “Se eu morrer de paixão, acabarão atribuindo a um deus qualquer que foi por causa de sua maldição”.

ao ser removido para cá como um funcionário subordinado ao governador desta província¹³, onde vivemos por três anos juntos. Acometido por uma doença, meu marido faleceu nesta primavera antes de terminar seu mandato, ficando eu sozinha neste mundo. Até minha ama que vivia na capital se tornou monja e me disseram que ela partira sem destino para uma viagem de práticas espirituais. Compadecei-vos da solidão desta mulher que sente a própria terra natal uma terra estranha. A julgar por vossa amabilidade no episódio da chuva de ontem, vejo que sois uma pessoa de bom coração e gostaria de, a partir deste instante, vos acompanhar para todo o sempre. Se não me tomais por uma mulher leviana, selemos com esta taça nosso compromisso de fidelidade eterna”.

Toyoo sentiu-se elevar aos céus de júbilo, por se tratar da mulher por quem se apaixonara perdidamente e por ter se dado o que mais desejava mas, em meio a sua alegria, ao se dar conta de sua condição¹⁴, foi tomado pelo temor de fazer qualquer coisa sem o consentimento do pai e do irmão, e não respondeu de imediato, deixando Manago apreensiva. “Levada por meu espírito leviano de mulher, acabei dizendo tolices e não tenho mais como vos encarar de tanta vergonha. Grande é meu pecado que não me atirei nos mares apesar de renegada pelo mundo e acabei perturbando vosso espírito. Nada do que vos disse é falso mas tomai minhas palavras como tolices ditas ao embalo da embriaguez e atirai-as ao mar”, disse ela. “Meus olhos não se enganaram pois desde o princípio tinha vos tomado como uma digna dama criada na capital. Eu que me eriei nessa praia das baleias¹⁵, erma e deserta, não poderia jamais ouvir palavras tão auspiciosas. Se não vos respondi de imediato é porque vivo na dependência de meu pai e irmão, de meu só tenho este corpo. Nada tenho para vos oferecer de dote

13. *Zuryō*, administrador nomeado pela Corte por um mandato que girava entre 4 e 6 anos.

14. Não ser independente, com direito a ser chefe de família, por não ser o primogênito.

15. A praia de Kumano é conhecida por ser um local de caça às baleias, indicando ser também um lugar ermo e deserto.

e, neste momento, meu único lamento é não possuir nenhum bem. Mas se estiverdes disposta a tudo suportar, tomar-me-ei vosso esposo para sempre cuidar de vós. Como diz o provérbio que até os monges pecam por amor, em nome deste amor, vou me esquecer da fidelidade filial, de minha própria incompetência”, respondeu Toyoo. “Já que me destes a alegria dessas palavras, vinde me visitar nesta casa que, embora modesta, vos receberá condignamente. Aqui está a espada que meu finado marido velava como a um tesouro. Portai-a sempre convosco”, disse ela, entregando uma espada incrustada de ouro e prata, uma peça antiga magnificamente talhada. Toyoo aceitou-a por ser sinal de maus presságios recusar presentes ao início de acontecimentos auspiciosos. “Passai a noite nesta casa”, insistiu reiteradamente Manago. “Meu pai não perdoaria uma noite fora de casa sem seu consentimento. Voltarei amanhã com uma boa desculpa”, disse Toyoo retirando-se em seguida. E passou-se mais uma noite sem que ele pudesse conciliar o sono.

Tarô acordou cedo para reunir os pescadores e, ao espiar pela fresta da porta do quarto de Toyoo, viu que este dormia tendo à cabeceira uma espada que reluzia aos últimos clarões da lamparina. “Estranho. Onde teria ele conseguido?”, indagou-se desconfiado e acordou Toyoo abrindo a porta com força. “Chamaste-me?”, perguntou Toyoo ao ver o irmão. “O que é isso que brilha à tua cabeceira? Coisas caras não combinam com casa de pescador. Imagina o quanto o pai ficará furioso quando souber!”, disse o irmão. “Não a obtive em troca de dinheiro. Apenas coloquei aqui o que ontem ganhei de uma certa pessoa”. “E quem nessas redondezas daria uma fortuna dessas de presente? Até acho um desperdício gastar dinheiro com esses livros de letras complicadas, mas me mantive calado até hoje porque o pai nada diz a respeito. E agora essa espada! Tu pretendes desfilar com ela no festival do grande templo¹⁶? Que loucura nos aprontas!”, ralhou Tarô aos brados. Suas palavras chegaram aos ouvidos do pai que disse: “O que aprontou esse inútil? Tarô, traze-o aqui”. “Não sei onde ele a obteve, mas não

16. Referência ao festival do templo xintoísta Engyoku, de Shingu, realizado no 15º dia do 9º mês.

posso concordar que fique comprando essas coisas reluzentes usadas pelos samurais. Chama-o e investigai com atenção o que ocorreu. Eu já vou indo para que os pescadores não negligenciem seu trabalho”, disse Tarô e saiu.

A mãe chamou Toyoo e disse: “Para que compraste isso? Nesta casa, o arroz, o dinheiro, tudo é de Tarô. O que existe aqui que seja teu? Normalmente ele não implica com o que tu faças mas, se o irritares desse jeito, onde neste vasto mundo tu poderias viver? Como pode uma pessoa tão esclarecida como tu nos sábios caminhos do confucionismo não conseguir discernir nem isso?” “Realmente não se trata de algo que eu tenha comprado. O mano viu o que, por uma razão particular, ganhei de uma determinada pessoa e isso acabou lhe provocando a ira”, respondeu Toyoo. “Qual o teu mérito para receberes uma preciosidade dessas de estranhos? Eis algo que não compreendo. Vamos, conte-nos o que aconteceu”, disse o pai esbravejando. “Neste momento, sinto-me encabulado para vos falar a respeito. Fã-lo-ei através de um intermediário”, respondeu Toyoo. “Para quem pretendes dizer o que não podes dizer nem aos pais ou ao irmão?”, disse o pai acirrando a voz, no que interveio a esposa de Tarô, que se encontrava ao lado, para acalmar os ânimos: “Talvez eu não seja a pessoa melhor indicada, mas posso ouvir o que tens a dizer. Vem para cá”, e Toyoo se levantou imediatamente para passar ao outro aposento. Voltando-se para a cunhada, disse: “Pretendia discretamente vos consultar antes de ser interpelado pelo mano, mas acabei sendo surpreendido e repreendido. Na verdade, foi uma mulher assim, assado¹⁷, que vive só e abandonada, quem ma deu dizendo que me queria como esposo para cuidar dela. E agora só lamento que, por ser dependente dos pais, me aguarda uma severa punição por ter me comprometido com um casamento não consentido¹⁸, mas gostaria que me compreendêsseis”. Sorrindo, ela respondeu: “Alegro-me com tão

17. Expressão muito utilizada em textos clássicos para abreviar descrições de fatos já conhecidos pelo leitor.

18. Na época em que foi escrita a obra, casamentos sem o consentimento paterno eram considerados adúlteros, crime severamente punido pelo chefe da família.

boa notícia pois, desde antes, eu me incomodava em ver um jovem como tu passar as noites sozinho. Pode estar além de minhas forças, mas farei o possível para convencê-los”. E nessa noite, disse a Tarô, seu marido: “As coisas aconteceram assim, o que foi muito bom, não achas? Intercede junto ao pai para que tudo dê certo, por favor”.

Franzindo os cenhos, Tarô disse: “É estranho. Nunca ouvi falar de nenhum Agata entre os funcionários desta província. Nós somos os chefes desta aldeia, teríamos sabido se essa pessoa tivesse falecido. Em todo o caso, traga a espada até aqui”. Depois de examinar cuidadosamente a espada que a esposa trouxe, Tarô continuou entre suspiros: “Corre uma história terrível por aí. Dizem que, recentemente, um Ministro da capital ofertou alguns tesouros ao templo Shingu por ter suas preces atendidas. No entanto, o superior do templo apresentou queixa ao governador da província de que os bens desapareceram repentinamente de seu acervo. Ouvi dizer que o governador nomeou seu vice/*jikan*, Bun'ya-no Hiroyuki, para investigar o caso e que este se encontra aquartelado no templo dedicando-se exclusivamente à busca ao ladrão. Esta espada, em todo o caso, não é algo que possa ter pertencido a um funcionário de baixo escalão. Vou pedir ao pai que dê uma olhada”. Levou a espada até o pai e lhe perguntou: “Está acontecendo isso e aquilo de terrível, mas o que vós achais que devemos fazer?” Empalidecendo, respondeu o pai: “Que infâmia foi nos acontecer! Por que fatalidade do destino foi Toyoo alimentar uma má intenção como essa, ele que é incapaz de roubar um fio de cabelo sequer? Se as coisas vierem a público por terceiros, esta casa será destruída¹⁹. Em honra dos antepassados e das gerações futuras, não posso ficar lamentando a sorte de um filho ingrato. Apresente-o às autoridades amanhã”.

Tarô esperou amanhecer, foi à casa do sacerdote, relatou tudo que tinha ocorrido e apresentou a espada. O sacerdote exclamou surpreso: “Esta é sem dúvida a espada ofertada pelo senhor Ministro!” Ao ouvi-lo, o vice-governador/*jikan* ordenou: “Inclague dos outros objetos roubados.

19. Roubo, destruições de templos eram considerados crimes graves, cuja pena atingia não só o próprio autor do crime mas também seus familiares.

Prendam este homem!", e cerca de dez guardas acompanharam Tarô até sua casa. Toyoo, que lia tranquilamente sem nada saber do que estava acontecendo, foi cercado pelos guardas e preso. "De que crime me acusam?", ainda perguntou Toyoo antes de ser amarrado, sem obter resposta. Diante da cena, os pais, o irmão e a cunhada só se debatiam em tristeza e lamentos. "Prendemo-lo por ordens superiores. Vamos, ande logo!", e Toyoo foi circundado pelos guardas que o arrastaram até a sede provincial. Encarando o preso, disse o *jikan*: "Ei, você, saiba que roubar bens divinos constitui um grave crime contra a nação. E os outros tesouros, onde os escondeu? Confesse tudo sem nada esconder!" Tendo finalmente compreendido a situação, Toyoo disse em lágrimas: "Eu não roubei absolutamente nada. Por tais e tais fatos, a viúva de um tal de Agata me deu essa espada dizendo que tinha sido de seu finado marido. Chamem-na imediatamente para se certificarem que não tenho culpa nenhuma". O *jikan* ficou ainda mais enfurecido e disse: "Nunca tivemos um funcionário que tivesse esse nome de Agata. Se continuar mentindo desse jeito, a pena será ainda maior". "Até quando poderia continuar mentindo preso como estou? Ah, por favor, trazei a mulher até aqui e indagai-a". O *jikan* disse, voltando-se para os guardas: "Onde fica a casa dessa tal de Agata-no Manago? Tragam essa mulher custe o que custar!"

Os guardas receberam a ordem respeitosamente e, com Toyoo à frente, foram até o local indicado, mas o portão que devia ser soberbo estava com as colunas apodrecidas, as telhas estavam quase todas quebradas, as heras caíam em tufo e o local parecia desabitado. Diante do quadro, Toyoo ficou atônito e embasbacado. Os guardas percorreram a vizinhança e juntaram todo o pessoal. O velho lenhador, o debulhador de arroz, todos se ajoelharam assustados sobre o chão de terra. Um guarda lhes dirigiu a palavra: "Quem morava nesta casa? É verdade que aqui mora a esposa de um tal de Agata?" O velho ferreiro se adiantou encurvado e disse: "Nunca ouvi falar em tal nome. Até uns três anos atrás, aqui vivia opulentamente um tal de Suguri que partiu com mercadorias para os lados de Kyushu, mas o navio se perdeu e, desde então, o pessoal da casa foi se dispersando até não ficar mais ninguém. Nisso, ontem chegou este rapaz

que partiu depois de algum tempo. Este velho artesão até comentou que era a coisa mais estranha". "Em todo o caso, vamos averiguar direito e comunicar tudo ao *jikan*", disseram os guardas entrando pelo portão. Dentro, a casa estava ainda mais devastada. Avançaram mais para o fundo. O jardim da frente era grande. O lago estava seco, bem como as plantas aquáticas e era impressionante o enorme pinheiro tombado no meio da vegetação crescida, como se tivesse sido arrancado por um vendaval. As pessoas instintivamente recuaram, assustadas e atemorizadas com o vento fétido que soprou ao abrirem a porta de treliça do aposento central. Toyoo apenas se afligia, sem nada conseguir dizer. Entre os guardas, havia um homem muito corajoso chamado Kose-no Kumagashi que disse: "Homens, sigam-me!", e foi entrando pisando firme o assoalho de madeira. Havia uma cama de pessa de poeira. No meio de fezes de rato, uma mulher linda como uma flor se encontrava sentada sozinha à sombra de uma velha cortina²⁰. "O senhor governador da província pede que se apresente. Acompanhe-nos imediatamente", disse-lhe Kumagashi e, como não obteve resposta, aproximou-se para prendê-la. Nesse mesmo instante, reverberou um trovão tão violento que parecia ter fendido a terra e a maioria das pessoas tombou ali mesmo, sem tempo de fugirem. Ao olhar em volta, a mulher tinha desaparecido mas havia objetos reluzentes sobre o chão. Quando todos se aproximaram com medo e temor, o que havia eram os tesouros divinos recentemente roubados, tais como brocados coreanos, sedas estampadas de Kure²¹, tecidos antigos, seda fina, amas como escudos, lanças, aljavas, além de enxadas²². Os guardas ordenaram sua remoção até as autoridades e fizeram um relato minucioso das coisas estranhas que aconteceram. Tanto o *jikan* quanto o sacerdote, quando souberam que se tratava de obra dos espíritos, abrandaram o interrogatório de Toyoo. Mesmo assim, este não conseguiu escapar de seu crime de roubo. Foi levado ao castelo do governador e

20. *Kichô*, uma cortina de pano estendida sobre um pedaço de pau suspenso em duas colunas de cerca de um metro de altura.

21. Região ao sul da China.

22. Utensílios agrícolas eram considerados divinos.

jogado na prisão. Seu pai e irmão ofertaram várias coisas em troca do perdão e Toyoo conseguiu a liberdade em cerca de cem dias. “Sinto-me ultrajado e não me sinto em condições de me relacionar com o mundo tão já. Gostaria de visitar a mana que mora em Yamato e passar uns tempos com ela”, disse Toyoo. “Realmente, as pessoas acabam sendo acometidas por uma forte moléstia quando lhes acontece uma desgraça dessa. Vai e repousa um pouco”, respondeu-lhe o pai e mandou um empregado para acompanhá-lo.

A casa da irmã de Toyoo, casada com o comerciante Tanabe-no Kanetada, ficava em Tsubaichi. Ela se alegrou com a visita do irmão e, condoída com os últimos acontecimentos, tratou-o com carinho e palavras de conforto: “Podes morar conosco para sempre, se quiseres”. Mudou o ano e chegou o segundo mês. Tsubaichi ficava perto do templo Hase²³. Dentre os budas, o *kannon* deste templo era conhecido por sua força espiritual até mesmo na distante China e era grande o número de peregrinos, das províncias e da capital, particularmente na primavera. Como os peregrinos costumavam passar uma noite nesta cidade, todas as casas serviam de pousada. A casa dos Tanabe comercializava artigos para iluminação tais como lamparinas, pavios de lampião e, dentro da multidão que se aglomerava na pequena loja, uma mulher muito distinta, com ares de dama da capital e que parecia estar em visita secreta ao templo na companhia de uma criada, surgiu para comprar incensos.

“O senhor amo está aqui!”, exclamou a criada ao descobrir Toyoo. Voltando-se surpreso, Manago e Maroya estavam diante de si. Apavorado, ele se refugiou nos fundos da casa. “O que aconteceu?”, perguntou-lhe o casal Tanabe. “Aquele demônio de Shingu me perseguiu até aqui. Não se aproximem dela!”, advertiu Toyoo buscando um esconderijo enquanto os dois se alvoroçavam perguntando: “Onde, onde está ela?” Manago se aproximou dizendo: “Por favor, não desconfieis de mim. E vós, estimado esposo, não tenhais medo de mim. Movida pela tristeza de ter vos imputado um crime por uma interpretação errônea da qual eu fora a causa,

23. Grande templo da seita Shingon.

comecei a vos procurar e buscar por vossa morada a fim de vos contar o que de fato aconteceu e vos tranquilizar, até que hoje, finalmente, tive meus esforços recompensados. Pediria ao senhor, dono desta casa, que me ouvisse com atenção. Se eu fosse realmente um ser sobrenatural como dizem, como poderia aparecer num lugar tão cheio de gente como este, em plena luz do dia? Como vêm, há costuras em minhas vestes, bem como sombra se me coloco contra o sol²⁴. Peço-vos que leveis em conta estas provas e desfaçais vossa desconfiança”. Um pouco mais tranqüilo, disse Toyoo: “A prova de que não és um ser humano tive quando fui preso e voltei com os guardas à tua casa que, em um dia apenas, se tornara totalmente devastada, uma morada própria de demônios. Lá estavas sozinha e quando te foi dada a voz de prisão, vi tu desapareceres sem deixar nenhum vestígio, junto com o repentino trovão que se deu naquela tarde tão límpida. O que queres de mim, perseguindo-me desta forma? Some-te já!” “Tendes razão no que dizeis mas, por favor, ouvi também minha versão dos fatos. Tão logo eu soube que fostes levado pelas autoridades, conversei com o velho vizinho de quem eu cuidava havia algum tempo e, rapidamente, demos o feitiço de casa abandonada. O trovão que ribombou quando ia ser presa foi idéia e obra de Maroya. Depois, arrumamos um navio e fugimos até a região de Naniwa mas, querendo saber o que vos tinha acontecido, fiz um pedido ao buda deste templo Hase. Tive o sinal das duas criptomérias como no poema antigo²⁵ e, se pude ter a alegria de vos reencontrar, devo à graça do *kannon* Hase. Como poderia uma mulher como eu roubar todos aqueles tesouros sagrados? Só pode ter sido um plano maligno de meu finado marido. Peço-vos que refletis com discernimento e que compreendais, por mínimo que seja, este amor que nutro por vós”, disse ela aos prantos. Embora não tenha acreditado em suas palavras, Toyoo foi envolvido pela co-

24. Ambos tidos como padrões de distinção entre o ser humano e o sobrenatural.
25. Referência às duas criptomérias citadas no poema do vol. 19 de *Kokinshū* e usadas como metáfora de encontro ou reencontro entre dois enamorados: “As duas criptomérias junto ao rio Hatsuse, as duas criptomérias que encontraremos passado o ano”.

miseração e não encontrou palavras para repreendê-la. Pela logicidade e clareza da exposição feita por Manago e também por seus modos bem femininos, o casal Kanetada desfez qualquer sombra de dúvida. “Pelo que nos contou Toyoo, tratava-se de uma história realmente aterradora mas, pensando bem, este não é um mundo em que fato tão estranho possa ocorrer. Mesmo que Toyoo não aceite a sinceridade de vossos sentimentos, vamos receber a vós que de tão distantes plagas veio por ele buscando”, disse encaminhando-a para um aposento. Durante os dois dias que passou nesta casa, Manago fez de tudo para agradar ao casal, solicitando-lhe que intercedesse junto a Toyoo. Conquistado pela dedicação da jovem, o casal insistiu junto a Toyoo e, finalmente, foi realizado o rito nupcial. Com os dias, o rancor de Toyoo foi se desfazendo e, como se impressionara com a beleza de Manago desde o início, jurou-lhe amor eterno e duradouro. Assim como, ao soar do sino do templo Hase ao amanhecer, cessa a chuva que cai com as nuvens que surgem todas as noites sobre o monte Takama, em Katsuragi, todas as noites o jovem casal trocava juras de amor lamentando não terem se encontrado antes²⁶.

E assim, chegou o terceiro mês. Kanetada disse ao jovem casal: “A paisagem da primavera desta região, embora não se possa comparar com a da capital, creio que é mais bonita do que a da região de Kishu. A tão decantada Yoshino²⁷ é magnífica na primavera. Local aprazível que sempre enche os olhos de quem o aprecia é o rio Natsume²⁸, imaginem, então, nesta época! Vamos, vinde conosco”, disse ele

26. No original, *umi'u*, uma expressão composta pelos ideogramas que significam “nuvem” e “chuva”, é empregada como metáfora de *relação sexual*. No trecho, a expressão é dividida em “nuvem” que se forma à noite, transformando-se em “chuva” que cessa ao amanhecer ao soar do sino. Por outro lado, o toque do sino ao amanhecer é uma alusão ao poema do vol. 11 de *Shinkokinshu* (O compromisso de anos e anos é como o entardecer alheio aos sinos do monte Hatsuse). Nuvem e chuva servem de fio condutor para o entrelaçamento do local (Tsubaichi, de onde se pode ouvir o sino do templo Hase), o decurso de tempo, a sugestão do poema clássico, numa intrincada metáfora para uma relação sexual intensa, que durou até o amanhecer.

27. Região de Nara, famosa por suas cerejeiras.

28. Nome pelo qual é conhecido o rio Yoshino em sua nascente.

convidando-os para um passeio. Sorrindo, Manago respondeu: “Ouvi dizer que mesmo as pessoas da capital sentem-se ressentidas se não vêem, ao menos uma vez, a Yoshino que decantastes como ‘o local aprazível admirado pelos antigos’ ”²⁹. No entanto, grande é meu pesar em não poder vos acompanhar pois, desde os tempos de criança, tenho um problema de saúde que me faz sentir mal em lugares com muita aglomeração de pessoas ou que exijam longas caminhadas. Trazei-me uma pequena lembrança, aguardar-vos-ei em casa”. “Tua doença só se manifestará se andares. Carro³⁰ eu não tenho, mas não deixarei que pises o chão em hipótese alguma. Se ficares em casa, Toyoo ficará muito apreensivo”, insistiu o casal Kanetada, no que foi completado por Toyoo: “Mesmo que adoeças no caminho, como poderias deixar de ir diante de tanta consideração?” E assim ela partiu, um pouco contra a vontade. A maioria das pessoas que visitavam o local se apresentavam rica e belamente vestidas mas ninguém se comparava à beleza de Manago.

Primeiro, visitaram um templo de Yoshino com o qual tinham relações de longa data. “Viestes tarde nos visitar nesta primavera. As cerejeiras perderam as flores quase pela metade, o canto dos rouxinóis também já se turvou mas levar-vos-ei a um lugar que ainda é muito bonito”, disse-lhes o superior que os recebeu e, em seguida, lhes serviu um jantar frugal. Na manhã seguinte, o céu amanheceu totalmente nublado, mas olhando em volta, à medida que o tempo ia se abrindo, notava-se que o templo ficava num lugar elevado de onde se podia avistar aqui, acolá, as moradas dos monges. Pássaros silvestres também cantavam por toda a parte, flores de árvores e plantas se misturavam em vários matizes, era um local particularmente encantador na já bela região de Yoshino. “Para quem visita este local pela primeira vez, as melhores vistas ficam onde tem a cascata”, disse o superior, indicando um guia para acompanhar as visitas. Desceram a encosta da montanha pelos vales. No local onde an-

29. Referência ao poema contido no vol. 1 de *Man'yōshū*: “Os homens de bem de antigamente já a decantavam como um local dos mais aprazíveis, admirai, pois, esta Yoshino, vós que sois homem de bem de hoje”.

30. Carro puxado por bois.

tigamente ficava a *villa* imperial³¹, as águas da cascata corriam levantando respingos e a imagem dos pequenos *ayū*³² nadando contra a correnteza enchiam os olhos de beleza e encanto. Estenderam sobre a esteira o lanche acondicionado em cestos de cipreste e desfrutaram uma bela refeição ao ar livre.

Nisso, alguém se aproximou pela sombra das rochas. Seus cabelos pareciam fios de linho amarrados em feixe mas era um velho de membros rijos. Aproximou-se da orla da cascata e olhou desconfiado para o grupo. Manago e Maroya voltaram-lhe as costas fingindo não tê-lo visto mas ele, encarando-as firme, disse: “Seu demônio desgraçado! Por que perturbas os seres humanos? Pretendes continuar fingindo mesmo diante de mim?” As duas se levantaram imediatamente e, mal elas saltaram na cascata, as águas se ergueram para o céu escondendo tudo ao redor, surgiram nuvens negras como tintas e começou a chover forte. O velho tranquilizou as pessoas que se moviam alvoroçadas e conduziu-as até o vilarejo. Com todos eles encolhidos de pavor e acocorados sob o teto de um mísero casebre, o velho se dirigiu a Toyoo: “Observando bem tuas feições, parece-me que tens sido perturbado por este espírito endemoniado e, se eu não te salvasse, terias um dia perdido a vida. Toma muito cuidado daqui por diante”. Curvando-se sobre o chão, Toyoo relatou tudo o que lhe acontecera e, sinceramente arrependido, rogou-lhe: “Ajuda-me a me livrar deste mal”. “Entendi. Este demônio é, na realidade, uma serpente de muita idade. Sua natureza é a própria lascívia, dizem que copulou com um boi para gerar um *rin*³³, com um cavalo para gerar um *ryōme*³⁴. Ela deve ter te seduzido desta vez para satisfazer sua lascívia, atraída que foi por teu belo rosto. É assim tão forte sua obsessão que, se não tomares a devida precaução, com certeza perderás a vida”. Diante de suas

31. *Villa* de onde os imperadores, durante o período Heian, governavam retirados da capital.

32. Peixe de água doce, de dorso cor de oliva amarelada e barriga prateada, que chega a 20 cm de comprimento. Os alevinos crescem no mar, retornando aos rios nos meses de abril a maio para a desova.

33. Ser imaginário da China antiga, com a forma de um grande veado.

34. *Idem*, com a forma de um enorme corcel.

palavras, todos ficaram ainda mais alvoroçados e amedrontados, venerando-o como a um deus em forma humana. “Não sou um deus. Chamo-me Daruma-no Kibito e sirvo no santuário Yamato³⁵. Indicar-vos-ei o caminho de volta. Segui-me”, disse o velho sorrindo e todos o seguiram, conseguindo, assim, chegar a salvo em seu destino.

No dia seguinte, Toyoo foi até o santuário Yamato para agradecer ao velho, a quem ainda levou seis rolos de seda de Mino³⁶, duas peças de algodão de Tsukushi e solicitou humildemente: “Por favor, exorcizai aquele demônio para sempre”. O velho recebeu as oferendas distribuindo-as entre os outros sacerdotes, ele mesmo ficando sem nada. Voltando-se para Toyoo, explicou-lhe detalhadamente: “Aquele serpente te persegue seduzida que foi por tua beleza. E tu também, impressionado pela beleza da feição que ela tomou provisoriamente, perdeste o espírito forte. Se recuperares este espírito e te mantiveres tranqüilo, não terás necessidade de minha ajuda para exorcizar esse demônio. Antes de mais nada, mantém-te sereno e calmo”. Aliviado por se ver livre de um pesadelo, Toyoo agradeceu profundamente as recomendações e voltou para casa. E disse para Kanetada: “Se todo esse tempo fui seduzido por aquele demônio, foi porque meu espírito não estava reto. Não é correto eu receber acolhida em vossa casa sem que eu, antes, cumpra com meus deveres para com o pai e o mano. Agradeço imensamente vossa gentileza por ora, espero voltar em outra oportunidade”, partindo em seguida para sua terra em Kinokuni.

Ao tomarem conhecimento dos fatos terríveis, tanto os pais, quanto Tarô e sua esposa estremeeceram de pavor diante da obsessão da serpente e também ficaram com mais pena de Toyoo porque nada fora de sua responsabilidade. “Tudo deve ter acontecido porque ele é solteiro. Melhor seria que lhe arrumássemos uma esposa”, disseram e se puseram a pensar. Na aldeia de Shibay havia uma pessoa chamada Shiba-no Shōji, com uma filha que tinha sido enviada

35. Santuário antigo, localizado na atual cidade de Tenri.

36. Seda fina da região de Mino. No original, é usada a unidade *mura* para contar a seda: um *mura* corresponde a dois *tan*, medida usada para confeccionar um quimono e equivalente a cerca de 10,6 m x 34 cm.

à corte como *uname*³⁷. Desejando casá-la com Toyoo, o pai solicitou-lhe a dispensa dos serviços e enviou um representante à casa dos Ooya para intermediar o casamento. Feitos os entendimentos, o noivado foi logo acertado. E quando os enviados foram à capital para buscar a filha, cujo nome era Tomiko, esta regressou contente à casa. Disciplinada por longos anos de vida na corte, não só seu comportamento bem como sua própria figura se tornaram finos e elegantes. A beleza e a fineza dos modos de Tomiko não davam margem a nenhuma queixa para Toyoo, que fora recebido nesta casa, mas foram também aos poucos lhe despertando lembranças do espírito da serpente que por ele se apaixonara.

Como nada aconteceu na primeira noite, vou omiti-la. Na segunda noite, Toyoo começava a se enebriar pelo álcool e disse: “Para ti, que viveste tanto tempo na corte, uma pessoa interiorana como eu deve ser realmente tediosa. Imagino que, no palácio, compartilhaste o leito com iminentes *chujô, saishô*³⁸. Extemporâneo, eu sei, mas sinto ciúmes deles”, começando os galanteios amorosos quando, de repente, Tomiko ergueu a cabeça para dizer: “Por teres te esquecido do velho e profundo compromisso comigo para te enamorares de uma mulher que não é assim tão bonita, tenho mais raiva dela do que de ti”. O corpo era de Tomiko mas a voz, de Manago. Ao reconhecer-lhe a voz, Toyoo sentiu um calafrio, seus pêlos se eriçaram de pavor e ficou todo perturbado, mas a mulher, sorridente, disse: “Querido, não tens do que suspeitar. Mesmo que esqueças o compromisso eterno que firmamos, aqui venho duas, três, tantas vezes quantas forem necessárias para te rever por força do destino que nos foi traçado. Terás meu ódio como resposta se continuares me evitando por acreditares apenas no que dizem os outros. Por mais altas que sejam as montanhas de Kishu, de seus picos aos vales verterei teu sangue. Não desperdices

37. Uma das categorias inferiores das damas da corte da Antiguidade, para a qual eram indicadas as filhas de autoridades locais.

38. Cargos correspondentes, respectivamente, ao vice-encarregado da Guarda Imperial e a Auditor, aos quais filhos de altos dignatários da Era Heian ascendiam com certa facilidade.

assim tua tão preciosa vida”. Trêmulo de pavor, Toyoo sentiu-se desfalecer diante dessas palavras ameaçadoras. “Meu senhor, por que tanto hesita diante de tão feliz união?”, disse uma voz à sombra do biombo e quem apareceu foi Maroya. Ao reconhecê-la, Toyoo ficou estarelecido e, de olhos cerrados, deitou-se no chão. As duas dirigiam-lhe a palavra alternadamente, ora consolando-o, ora ameaçando-o, mas Toyoo manteve-se imóvel como um morto até o amanhecer.

Assim ele conseguiu escapar do quarto e, dirigindo-se ao sogro Shôji, disse em voz baixa com receio que o ouvissem às costas: “Aconteceu isso e isso de pavoroso. Como poderei me livrar desse infortúnio? Por favor, dai-me uma idéia”. Shôji e sua esposa, pálidos, disseram entristecidos: “Não sabemos o que possa ser feito. Por sorte, encontra-se hospedado, desde ontem num templo do outro lado da montanha, um monge do templo Kurama³⁹ da capital, que vem todos os anos para visitar o templo Kumano. Dizem tratar-se de um miraculoso monge exorcista, sendo venerado pelas pessoas dessas redondezas por seu poder contra epidemias, maus espíritos, pragas. Vamos chamá-lo”. Um mensageiro foi enviado imediatamente e o monge chegou em seguida. Ao tomar conhecimento dos fatos, este disse confiante: “Não há dificuldade alguma em apanhar tais espíritos demoníacos. Mantende-vos tranquilos”, e as pessoas sentiram-se aliviadas com a calma com que as palavras foram proferidas.

O monge mandou trazer sulfura para preparar o remédio com o qual encheu uma pequena garrafa e se dirigiu para o quarto onde Manago se encontrava. Zombando do pessoal da casa que se escondia de medo, disse o monge: “Velhos e crianças, fiquem todos aqui, vou lhes trazer presa a serpente dentro de instantes”, entrando no quarto em seguida. Mal pôs os pés dentro do quarto, a serpente levantou a cabeça e se voltou para ele. Gigantesca era sua cabeça que chegava a ocupar todo o espaço da porta e resplandecia de branco mais forte do que um monte de neve, com os olhos brilhando como um espelho, os chifres espetados como galhos secos e, da boca de cerca de um metro, uma

39. Templo da seita Tendai, localizado em Kyôto, é ligado a práticas exorcistas.

língua vermelha se movia com o ímpeto de quem pretendia devorar tudo de um só bote. Com um grito, o monge derubou o vidro, ficou petrificado de terror, caiu de lado e mal conseguiu fugir aos tropeções. “Ah, que horror! Não se trata de um simples espírito demoníaco, mas sim de um deus diabólico⁴⁰, como eu poderia derrotá-lo? Se eu não tivesse esses braços e pernas, teria perdido a vida”, disse o monge antes de perder os sentidos. Tentaram ajudá-lo a se erguer mas o rosto, a pele, tudo estava escuro como se tivesse sido tingido de negro e vermelho, o calor que emanava de seu corpo era como o de uma fogueira. Parecia ter sido atingido pelo veneno da serpente, apenas seus olhos se moveram como se quisessem dizer algo, mas não lhe saiu a voz. Jogaram-lhe água mas acabou morrendo. Quem assistiu a tudo ficou ainda mais atemorizado e só vertia lágrimas de tristeza sentindo que seus espíritos vagavam pelo espaço.

Diante dos fatos, Toyoo procurou se acalmar e disse: “Nem um monge tão poderoso conseguiu vencê-la. Pela obsessão com que me persegue, enquanto viver neste mundo, creio que acabará me encontrando onde quer que me esconda. Seria muito injusto fazer os outros sofrerem só por minha causa. Já não pedirei mais ajuda a ninguém. Estou decidido, tranquilizai-vos”. “Ficaste maluco?”, diziam as pessoas da casa tentando impedir que ele se dirigisse ao quarto. Toyoo não lhes deu ouvidos e caminhou resolutamente ao quarto. Ao abrir vagarosamente a porta, não havia nenhum tumulto, apenas as duas mulheres estavam sentadas uma em frente à outra. Voltando-se para Toyoo: “Que ressentimento tens por mim que tramas com outrem para me prender? Se ainda tentares mais represálias contra mim, vingar-me-ei não somente de ti mas de todas as pessoas desta aldeia. Quero que recebas com alegria apenas este meu amor, sem te permitires outras paixões”, disse Tomiko⁴¹ com uma lascívia enojante. “Há um ditado que diz: ‘Embora o homem não tenha a intenção de ferir o tigre, o tigre sempre

40. Deus, neste caso, é empregado no sentido de ente poderoso sobre o qual atos de exorcismo não surtem efeito.

41. Na realidade, Manago sob a pele de Tomiko.

tem o instinto de ferir o homem’. Tu, com este teu espírito não humano, me persegues insistentemente e, além de me trazeres infortúnios por inúmeras vezes, me proferes palavras de vingança tão terríveis que, mesmo sendo de brincadeira, são abomináveis. No entanto, como o amor que me dedicas é igual ao dos humanos, aqui ficarei contigo. Apenas me dói o coração que, com isso, outras pessoas sofram. Peço-te que poupes ao menos a vida de Tomiko, depois, podes me levar para onde quiseres”, respondeu-lhe Toyoo, ao que Manago aquiesceu com a cabeça, contente.

Toyoo saiu novamente do quarto e disse para Shôji: “Com um ser assim tão desprezível a me perseguir, seria muito desumano eu continuar vivendo aqui e fazê-los sofrer. Se me derdes a separação⁴², creio que vossa filha terá a vida salva” mas o sogro não concordou. “Pertencendo a uma família que conhece artes marciais, se eu for tão covarde, não terei como encarar os membros da família Ooya. Vamos pensar mais um pouco. No templo Dôjô⁴³, de Komatsubara, vive o famoso bonzo exorcista Hôkai. Oví dizer que agora ele não sai mais do templo devido à avançada idade mas creio que não me negará ajuda se eu lhe pedir”, disse ele e em seguida partiu pessoalmente a cavalo. Era longa a distância⁴⁴ e só chegou ao templo tarde da noite. O velho bonzo saiu de seus aposentos e, após ouvir a história, disse: “Imagino como tenhas achado horrível. Já estou velho e nem sei se ainda tenho poderes de exorcização, mas não posso ficar assistindo calado à desgraça de tua família. Em todo o caso, volta antes para casa, eu já vou em seguida”. Apanhou um *kesa*⁴⁵ embebido em incenso de papoula⁴⁶ e, entregando-o a Shôji, deu-lhe cuidadosamente as instruções: “Tenta atrair o bicho para perto e cobre-o com este *kesa* pela ca-

42. Sendo genro adotado, Toyoo precisa solicitar ao sogro permissão para se separar.

43. Citação direta ao templo que é o palco e título da peça de *butraku* em que se baseia o conto.

44. Cerca de quarenta quilômetros separam Shiba do templo Dôjô.

45. Estola que os monges budistas trazem pendida ao ombro.

46. A semente de papoula é atirada no fogo durante a cerimônia de combate aos maus espíritos pela seita esotérica Shingon. E o *kesa* embebido nessa fumaça é tido como de grande poder e virtude.

beça, segurando-o com todas as forças. Se faltarem forças, ele provavelmente escapará. Tem fé e faz tudo como te disse”. Agradecido, Shōji apressou o cavalo e, chegando em casa, chamou o genro de lado e entregou-lhe o *kesa* dizendo: “Faze isso sem erros”. Escondendo-o na pala do quimono, Toyoo dirigiu-se ao quarto e disse: “Finalmente Shōji me concedeu a separação. Vem, vamos partir”. Manago parecia extremamente feliz, quando, de repente, Toyoo retirou o *kesa* e jogou-lhe sobre a cabeça, apertando-o com força. “Ah, que sufoco! Por que és tão cruel? Por favor, solta um pouco!”, dizia ela e Toyoo apertava com mais força. Logo depois chegou a liteira do bonzo Hōkai. Ajudado pelas pessoas da família Shiba, chegou até o quarto e, murmurando umas preces, fez Toyoo se levantar e, ao retirar o *kesa*, Tomiko jazia sem sentidos, tendo sobre as costas uma serpente branca com mais de um metro de comprimento, enrolada e imóvel. O velho bonzo apanhou-a nas mãos e colocou-a no pote de ferro que seu discípulo lhe segurava. Continuou com as preces e, desta vez, uma pequena serpente de cerca de trinta centímetros saiu de trás do biombo, que o bonzo também apanhou e colocou dentro do pote, fechando-o firme com o *kesa*, para levar consigo em sua liteira. Profundamente agradecidos, todos verteram lágrimas de alegria e, de mãos postas, prestaram-lhe as mais profundas homenagens.

Chegando ao templo, o bonzo Hōkai mandou cavar uma vala profunda diante da ala principal e enterrou o pote, proibindo⁴⁷ que as serpentes saíssem à luz do dia. Dizem que ainda hoje existe a tumba da serpente⁴⁸. A filha de Shōji acabou adoecendo, vindo a falecer em seguida. Quanto a Toyoo, dizem que ele viveu bem por longos anos.

(Jasei no in)

Tradução de Tae Suzuki

47. *Imashimu*, no original, tem o sentido de “proibir” e também de “prender por força da magia”.

48. Baseada na lenda da princesa Kiyo e encenada na peça de *buraku* *O Templo Dōjō*, ainda hoje existe a cerca de cem metros a oeste do templo.

O CAPELO ÍNDIGO*



* Capuz de cor azul-marinho usado por monge budista.